

ATRAVESSAMENTOS BIOPSICOSSOCIAIS DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ACERCA DA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL PARA REDUTORES DE DANOS E FUNCIONÁRIOS DO CONSULTÓRIO NA RUA

CAROLINA MACEDO DOS SANTOS QUILLFELDT¹; RAYSSA FERREIRA RIBEIRO²; ETIENE SILVEIRA DE MENEZES³; JANAÍNA QUINZEN WILLRICH⁴;
MARTA SOLANGE STREICHER JANELLI DA SILVA⁵;

¹*Universidade Federal de Pelotas – carol.quill1@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – rayssaafrreibr0@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – etimenezes@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – janainaqwill@yahoo.com.br*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – martajanelli@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A implementação de políticas, práticas e diferentes intervenções adotadas pelas organizações podem refletir no estabelecimento de um ambiente de trabalho saudável. Existem variados elementos dos quais, em conjunto, promovem a qualidade de vida no trabalho. O bem-estar físico, mental e social são alguns dos aspectos que atravessam o alcance desse equilíbrio entre o pessoal e o laboral. Tais fatores ressaltam a importância dos diferentes locais de trabalho estarem atentos a ações que permitam aos seus trabalhadores dispor de recursos sociais e atentarem-se a manutenção da sua saúde física e mental. Desta forma, para além de um ambiente de trabalho saudável e seguro, dispor de suporte social e organizacional, treinamentos, comunicação efetiva, momentos de lazer e práticas de reconhecimento e valorização, também favorecem o alcance da qualidade de vida no trabalho (ARBOLEDA-POSADA et al., 2017).

Em contrapartida, ambientes de trabalho precarizados carecem desses fatores, enfraquecendo as possibilidades de assistência à saúde física e mental do trabalhador, bem como evidenciando a carência de recursos sociais para eles. A precarização do trabalho pode ser percebida através da falta de condições adequadas de segurança, instabilidade, falta de regramento quanto à carga-horária de trabalho, desvalorização da remuneração, bem como através da falta de direitos e benefícios trabalhistas (VALENCIA-CONTRERA et al., 2022). Ou seja, torna-se desafiador, e por vezes inviável, estabelecer a qualidade de vida no trabalho em contextos em que se carece o cuidado ao trabalhador e se estabelece tais vulnerabilidades.

Desta forma, a precarização do trabalho se apresenta enquanto um fator que acarreta no prejuízo do estabelecimento de bem-estar ao trabalhador. Portanto, comprehende-se que a saúde física, mental e social desses indivíduos relacionam-se diretamente às condições adequadas para a prática laboral. Posto isto, o presente trabalho tem por objetivo identificar os atravessamentos da precarização do trabalho na saúde mental e física dos trabalhadores da redução de danos e do consultório na rua de Pelotas, na percepção dos facilitadores de um grupo de promoção de saúde mental do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde)

2. METODOLOGIA

Originado pelo Ministério da Saúde, o PET-Saúde é um projeto que visa práticas de ensino, pesquisa e extensão universitária, possibilitando aos

estudantes a prática e o contato direto com a comunidade. O programa vigente está em sua 11^º edição e é subdividido entre cinco grupos, sendo o foco deste trabalho o grupo número dois, cuja temática é “Acolhe a diversidade: cuidado em saúde mental no trabalho em saúde”. O grupo é composto por estudantes do curso de cinema, enfermagem, medicina e psicologia, para além dos tutores e preceptores do serviço. Posto isso, inicialmente foi feito, pelos coordenadores do projeto, a identificação dos profissionais sobre o qual se centralizaria as ações do programa. Após a identificação da demanda, dos funcionários da redução de danos e do consultório na rua, teve início os encontros grupais, semanais, cujo objetivo discorre sobre a promoção de saúde mental para profissionais atuantes no sistema único de saúde (SUS).

Os grupos ocorrem em espaço cedido no Centro de Atenção Psicossocial do Porto (CAPS-Porto) e são mediados pelos estudantes do PET-Saúde em conjunto com os preceptores do serviço. Os encontros grupais tiveram início em 16 de julho de 2024 e são realizados, desde então, semanalmente, em dias e turnos alternados; ocorrendo nas segundas-feiras pela manhã e terças-feiras pela tarde. Até o presente momento já foram realizados 13 encontros, contando com a participação de, em média, cinco a treze participantes por grupo. As temáticas discutidas variam entre assuntos propostos pelos próprios participantes do grupo ou pautas trazidas pelos mediadores. Deste modo, o presente trabalho discorre – através de um relato de experiência articulado teoricamente – acerca das vivências tidas ao longo dos grupos, dos relatos ouvidos e das trocas possibilitadas.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A ausência de um ambiente que viabilize diálogo e troca entre a equipe de trabalhadores se estabelece enquanto uma demanda recorrente no grupo, revelando não dispor de nenhum espaço pelo qual possa ser utilizado para trabalhar em equipe. Silva, Bernardo e Souza (2016), destacam – enquanto relevante para o combate e conscientização sobre o adoecimento físico e mental dos trabalhadores – a promoção de ações que incentivem a união das equipes de trabalho. Em consonância, os participantes destacam reconhecer a importância de possuir um espaço de troca de experiências e de discussão de casos. Para além do exposto, também é revelado nas falas deles a carência por um local no qual permita construir uma relação de cuidado um com os outro e, também, criar momentos de descontração.

Diante desse cenário, o grupo promovido pelo PET-Saúde conseguiu se constituir enquanto um ambiente de acolhimento, ao passo que trouxe, ao longo dos encontros, pautas que visassem à promoção do cuidado desses trabalhadores. A frustração e impotência no ambiente de trabalho, o luto e as pequenas perdas que atravessam suas vivências, a importância do autocuidado, da saúde do sono e de uma rede de apoio, foram algumas das questões trazidas para discussão nesses momentos. Para além destas temáticas, também se fizeram presentes algumas atividades práticas como exercícios de respiração, Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) – com a confecção de velas e travesseiros aromáticos. Ademais, a confecção de mandalas, associadas a teorias junguianas, exercícios teatrais, exibição de filmes, além da arte e da música enquanto recurso terapêutico, também foram trazidos ao longo dessas práticas.

A partir dessas temáticas propostas foi possível que os participantes trouxessem diferentes sentimentos, vivências e narrativas singulares a cada experiência. Dentre os relatos, reverberaram as sensações de impotência frente aos seus trabalhos no território e crises ansiosas em decorrência dos contextos experienciados nas comunidades atendidas. Além disso, os vínculos e os afetos são fortemente presentes no dia a dia desses funcionários e afloram preocupações constantes com os usuários acompanhados. Também se faz presente sentimentos de frustração e desesperança relativos às próprias condições laborais, bem como a falta de tempo e condições financeiras para dispor de momentos de lazer. Posto isso, evidencia-se os atravessamentos das práticas laborais nas subjetividades desse grupo de trabalhadores.

Durante os encontros grupais, também foi possível identificar, em geral, demandas advindas diretamente da carência de direitos básicos de trabalho. Relatos dos trabalhadores presentes referiram insatisfação com as condições de trabalho impostas a eles. Além de serem admitidos através de contrato feito por meio de processo seletivo – sem qualquer tipo de direito assegurado pelas Consolidações da Lei do Trabalho (CLT) – enfrentam questões relacionadas à baixa remuneração, alta carga horária de trabalho, falta de autonomia quanto a computação de suas produtividades e ausência de direito a férias. Tais circunstâncias foram expostas enquanto fatores estressores, dos quais os participantes também revelam sentimentos como raiva e cansaço. Conforme abordado por Araújo e Moraes (2017), essa precarização dos vínculos empregatícios provoca desestabilização e segmentação no mercado de trabalho, agravando as desigualdades sociais. Essa situação impacta diversos aspectos, como consumo, qualidade de vida, proteção social e acesso a atividades coletivas. Além disso, afeta a capacidade de defesa de interesses individuais e coletivos, comprometendo direitos fundamentais e garantias do cidadão, como liberdade de expressão e igualdade de tratamento, que são essenciais para a cidadania.

Ademais, pautas referentes a condições de trabalho inadequadas, com a ausência de oferta de Equipamento de Proteção Individual (EPI), falta de segurança nos territórios em que atuam, bem como informalização das relações de trabalho, também foram trazidas ao longo dos encontros. Tais fatores surgem nos relatos enquanto aspectos que desencadeiam estresse, insatisfação e, principalmente, falta de segurança dentro dos territórios atendidos, uma vez que “a insegurança e a desproteção, vivenciados por todos e por cada trabalhador/a, produzem reações e desdobramentos de diferentes tipos - inclusive transtornos psíquicos.” (FRANCO; DRUCK; SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 233).

Em geral, como referido anteriormente, grande parte dos relatos trazidos se correlacionam com a precarização dos vínculos de trabalho desses funcionários. Neste sentido, os participantes assumem sentimentos de revolta frente a essas situações de desamparo e referem estarem cansados devido aos anos decorridos em busca por direitos. Ainda assim, eles identificam a importância de darem continuidade a ideias de luta para que, através do contato direto com instâncias superiores, as respectivas demandas sejam atendidas. Ou seja, a precarização do trabalho colabora para o desamparo do trabalhador. Esta abdica a empresa e o Estado do dever de conceder condições de trabalho que preservem a integridade física e mental do sujeito, uma vez que, por meio de uma lógica neoliberal, atribui ao indivíduo a responsabilidade por adoecimentos relacionados ao trabalho, ao invés de considerá-las questões de saúde pública (FRANCO; DRUCK; SELIGMANN-SILVA, 2010).

Assim, ainda que esses trabalhadores resistam frente a estas circunstâncias, seguem estando vulneráveis às consequências biopsicossociais dessa precarização. Desta maneira, essa pauta emerge enquanto um fator sobre o qual o projeto do Pet-saúde configura-se impotente para intervir diretamente, visto tratar-se de questões cuja responsabilidade cabe a esferas mais altas. Todavia, de forma indireta, o projeto, por meio dos grupos supracitados, atua enquanto um facilitador de diálogo conjunto desses trabalhadores, viabilizando um espaço capaz de acolher demandas individuais e revelar pautas coletivas.

4. CONSIDERAÇÕES

Em síntese, esta experiência possibilitou salientar um trabalho invisibilizado e atravessado diretamente pela flexibilização dos vínculos trabalhistas e pela precarização das práticas laborais. Evidenciando, desta maneira, as facetas do neoliberalismo enquanto fomentador de prejuízos biopsicossociais nos indivíduos a medida que evoca fenômenos subjetivos – de frustração, desesperança e desamparo, dentre outros – que emergem da carência de suporte da gestão frente aos impasses enfrentados diariamente.

Logo, visto estas demandas e, ainda, a ausência de espaço para que esses trabalhadores dialoguem entre si, destaca-se a relevância do grupo de promoção de saúde mental promovido pelo PET-Saúde. Visto que, para além de discutir e refletir sobre as temáticas propostas semanalmente, esses momentos permitiram que os participantes compartilhassem as demandas que se sobressaíram ao longo da semana nas suas rotinas de trabalho e na vida pessoal. Assim, para além de um ambiente de diálogo, os encontros emergiram enquanto um espaço de troca de experiências, descontração, lazer e cuidado. Transformando-se em um espaço que se propõe, através da escuta ativa, a garantir conforto e acolhimento; oportunizando a estes trabalhadores, cuja atenção sempre volta-se ao cuidado com o outro, que também tenham o direito a momentos de serem cuidados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Rosana de; MORAIS, Katia de. **Precarização do trabalho e o processo de derrocada do trabalhador.** Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, [S. I.], v. 20, n. 1, p. 1–13, 2017.

ARBOLEDA-POSADA, G. I.; LÓPEZ-RÍOS, J. M. **Cultura organizacional en las instituciones prestadoras de servicios de salud del Valle de Aburrá.** Revista Ciencias de la Salud, v. 15, n. 2, p. 247-x, 2017.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E.. **As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado.** Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 35, n. 122, p. 229–248, jul. 2010.

SILVA, M. P. DA .; BERNARDO, M. H.; SOUZA, H. A.. **Relação entre saúde mental e trabalho: a concepção de sindicalistas e possíveis formas de enfrentamento.** Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 41, 2016.

VALENCIA-CONTRERA, Miguel et al . **Riesgos psicosociales y calidad de vida en trabajadores de atención primaria: revisión integrativa.** Sanus, Sonora , v. 7, e278, dez. 2022.